

## AUTO-RETRATO

Nos outros livros, em verdade, afirmei  
aquilo que neste, claramente, coloco em dúvida:  
a tenaz esperança de um mundo capaz de escapar  
ao eterno alinhamento de violência e impiedade.

Findo um milénio de pássaros agonizantes,  
e no início de um outro, tudo vejo capitular  
de novo: a cidade de ninguém, abatida  
por construções clandestinas, desabamentos;

entre amigos, vocábulos de aspereza  
comprometendo o entendimento;  
negrura sem interrupção e homicida

nos gestos que dantes reflectiam o amor;  
a perda lancinante do conhecimento  
da poesia às mãos de ressentidos e diletantes.

## PAPEL DE JORNAL

Este poema começa nas escadas de um prédio abandonado, um grupo de rapazes em poses pouco ou nada coreográficas de tão inevitáveis que são os gestos dobrados sobre a seringa, à procura da veia mais saliente, roxa de tanto procurarem o azul, a flor que desabrocha à sombra das raparigas. Apenas uma os acompanha pela cidade, pelos desvios prematuros; as demais estiolam diante do mar.

Este poema começa na cozinha de uma casa suburbana, as mãos, de uma mulher recém-casada, depostas numa bacia amarela; na sala, o zumbido de uma mosca, um homem que cambaleia até ao sofá. Do lado de fora da vidraça uma criança arrasta uma boneca pelo chão.

Este poema segue uma família, em tumulto, no meio da estrada enquanto um buldozzer se prepara para demolir a casa, ilegal e dissonante.

Este poema, na cidade de ruas que desaguam no mar, continua por uma que termina abruptamente num muro. Suja os dedos com papel de jornal, aceita o empurrão das vendedoras de flores, ajuda as peixeiras a levantarem a canastra. E é tão útil como um solo de trompete no Verão.

## CIDADE IRRECONCILIÁVEL

Ninguém chama duas vezes por ti  
entre lençóis que não tiveram tempo de  
aquecer o corpo, no atraso  
costumeyro das manhãs  
já sabes que vais sair com o rosto  
ensaboado de pequenos lanhos e  
desilusão.

Ninguém, nem mesmo tu, quer ser  
salvo no último momento  
do naufrágio das leis e costumes,  
com o espírito do novo milénio  
segurando as calças mais coçadas  
pelas ruas de uma cidade irreconciliável.

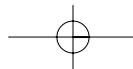
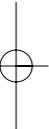
Ninguém, a caminho do metro, quer  
respirar solidão e raiva  
por entre o detrito das palavras  
lançado das janelas e outros escapes,  
o último a atravessar a passadeira  
intermitente no sinal vermelho.

Ninguém quer aceitar o ronco do superior  
hierárquico, amanuense e jornalista  
com a tesoura recortando os artigos  
a ler, fazendo figurinhas sem ética:  
veleiros, príapos e galos de crista romba.

Ninguém se despede antes da cessação  
do contrato, com medo do medo, da fome  
vespertina,



roubando a si mesmo os dias  
que virão ensanguentados de memórias e  
lágrimas, os pratos sujos empilhados  
na banca de alumínio.



## PROSPECTO TURÍSTICO

Anestesia os pássaros  
com árvores plantadas no cimento.  
Abate o rio com vazadouros poluentes.  
Despeja o lixo em monturos  
habitaçãoais.  
Afixa cartazes políticos  
nos olhos das crianças sonolentas.  
Coloca arame farpado  
nos muros das escolas,  
nas palavras  
em que dantes confiávamos.

Esta cidade.  
O que faz às pessoas.